

Introdução

José M. da Silva Pinto*

Talvez os Cursos Universitários se pareçam mais com os seres humanos, que afinal são a condição básica necessária para a sua própria existência enquanto Cursos, do que se pensará numa aproximação rápida.

Realmente os humanos nascem muito dependentes, frágeis e desprovidos da maior parte das capacidades que a sua estrutura lhes vai permitir desenvolver ao longo da vida.

Uma das fundamentais, quer pela importância que tem do ponto de vista social, quer pela influência determinante que exerce no desenvolvimento cognitivo, é a linguagem, esse dom que nos permite comunicar com outros humanos e que, mais do que tudo, torna possível fazer entender aos outros como nos sentimos em dado momento, como aconteceu algo que já passou, ou, o que é ainda mais importante, descrever alguma coisa que não podemos sentir, isto é, ver, ouvir, tactear, saborear ou cheirar e que, em última análise pode mesmo não ter existido, não existir no momento, nem vir nunca a existir... uma ideia puramente abstracta e irreal, por exemplo.

Este processo de combinar organizadamente as palavras para formar frases comunicáveis, que é a linguagem, é moroso e complexo, levando muito tempo a desenvolver-se, desde a vida intra-uterina até cerca dos dez anos.

Tratando-se a publicação dos Anais do Curso de Psicologia, de um trabalho basicamente de recurso à linguagem, cedo se verificou que a produção

* Coordenador dos Anais do Curso de Licenciatura em Psicologia

de textos não ocorria com a rapidez e oportunidade que a situação requeria e se esperava. Isto certamente devido à tenra idade do Curso que não estaria ainda de posse dos mecanismos de produção da comunicação.

Assim, cheguei a pensar que teríamos que esperar até algo mais do que os dez anos de vida do Curso, tempo necessário para a criança comum poder começar a escrever com alguma desenvoltura, para que se pudesse contar com material escrito para a saída do primeiro número.

Enganei-me, felizmente, porque esta criança afinal é sobredotada e conseguiu escrever com quatro anos incompletos, sobre alguns temas da psicologia de hoje.

Como na minha idade não é já muito de esperar que seja o pai da criança, isto é, dos Anais do Curso de Psicologia, poderei assumir que sou o avô, o que, por um lado me torna muito feliz, com a sua vinda à luz (babado, como os avós costumam ser) mas por outro, me leva a encarar com grande apreensão a possibilidade, que muito agradável seria, de ver surgirem alguns irmãos deste primogénito tão esperado, desejado e de nascimento tão difícil.

É que o tempo passa a correr, não espera pelos indecisos, não fica suspenso de promessas sempre adiadas, nem se compadece com produções imaginárias e irreais...só conta com o que existe verdadeiramente.

As boas intenções de colaborar não podem ser publicadas, apenas as colaborações efectivas o são.

Ora, se um hipotético irmão levar em gestação o mesmo tempo que este, quase o dobro do necessário para gerar um elefante, não sei se o avô ainda estará à espera dele.

Cabe-me assim agradecer aos que não ficaram por promessas e colaboraram para este primeiro número, fazendo-o especialmente em relação aos alunos e esperar que o interesse que o Curso deve merecer de todos os que

nele se empenham faça com que, agora que o primeiro número existe, haja colaboração verdadeira para o futuro.

Oiço dizer que o primeiro parto é o mais difícil... Oxalá!